

O QUE É A CONSCIÊNCIA?

Por Bruno Sousa,

Gnóstico português e filósofo, assim me compreendo.

Dedicado aos meus amigos e seguidores, que simpaticamente partilham comigo a busca pelo conhecimento, sabedoria e absoluto.

Prefácio

Após uma demorada investida de anos de leitura, desenvolvimento pessoal emocional sempre procurando o eu interior, a deus e as funções da humanidade nas eternas perguntas, porque o homem é inteligente e procura, acima de tudo, sintetizar as origens e razão de todas as coisas, pelo que agradecendo aos primeiros e terminando nos últimos, resolvi em conversa com minha mulher tentar definir o que é a concepção real de consciência, não a sua definição como palavra, mas constatar em termos filosóficos, teológicos e certamente, pouco científicos, uma vez que a ciência é a única que se encontra em constante mutação e especulação, pois tudo o que hoje é provado, amanhã é desaprovado, pelo que me baseio enfaticamente no pensamento dos sábios, mais que no estudo científico, que tudo simplifica, e nada prova, ou comprova.

Faço então um estudo privado, baiado em tudo o que já foi pensado, e mais uma vez atribuindo os créditos aqueles que, antes de mim, começaram este processo de pensamento consciente, agradecendo a Confúcio, 5000 anos antes de Cristo, Sócrates, 469 a.C., de seguida Platão, Aristóteles e Arquimedes, tudo pensadores antes de cristo.

Sigo agradecendo ao mestre dos mestres, Jesus Cristo, não me esquecendo de Buda, ou Siddhartha Gautama, mestre religioso e fundador do budismo no século VI antes de Cristo.

Continuando, não referenciando a todos os que pensaram, ensinaram e morreram em nome da sabedoria e inteligência, o que pessoalmente defino como Deus, a inteligência absoluta e criadora de todas as coisas.

Nas atualidades, e por último, agradeço a Lobsang Rampa, Osho, Joseph Murphy, Chang Hai e aos contemporâneos Augusto Cury, e, também, António Damásio.

Enquanto escrevo, ouço ao mesmo tempo as palavras deste último, do livro da consciência, bastante genial mas nada próximo do que procuro, pois a ciência das coisas não me consegue ajudar em nada senão na complicação do que é simples, como o oxigênio, ou o amor, ou a própria vida e seu significado pessoal, subjetivo, único.

- A consciência, o que é?
- Está a consciência de alguma forma ligada ao pensamento?
- Faz a consciência parte do sentimento?
- Num mundo material, é, a consciência, matéria?

Essas são as perguntas as quais procuro as respostas, saber intimamente o que é, de facto, a consciência, no seu sentido mais abstrato e profundo, isento de descrições simplistas e técnicas.

Com base num rápido estudo, hoje em dia a concepção de consciência é o seguinte:

O termo consciência, em seu sentido moral, é uma habilidade, capacidade, intuição, ou julgamento do intelecto que distingue o certo do errado. Juízos morais desse tipo podem refletir valores ou normas sociais (princípios e regras). Em termos psicológicos a consciência é descrita como conduzindo a sentimentos já de remorso, quando o indivíduo age contra seus valores morais, já de retidão ou integridade, quando a ação

corresponde a essas normas. Em que medida a consciência representa um juízo anterior a uma ação e se tais juízos baseiam-se, ou deveriam basear-se, somente na razão é um tema muito discutido em toda a história da filosofia 2.

A visão religiosa da consciência a vê ligada a uma moralidade inerente a todos os seres humanos, a uma força cósmica benevolente ou a uma divindade. Os aspetos rituais, míticos, doutrinários, legais, institucionais e materiais da religião não são necessariamente coerentes com as considerações vivenciais, experienciais, emotivas, espirituais ou contemplativas sobre a origem da consciência 3. Sob um ponto de vista secular ou científico a capacidade de consciência moral é vista como de origem provavelmente genética, com seu conteúdo sendo aprendido como parte da cultura.

Metáforas comuns para a consciência incluem, entre outras, a "*voz interior*" e a "*luz interior*" consciência é um conceito importante em direito, tanto nacional como internacional, cada vez mais aplicado ao mundo como um todo, foi muitas vezes inspiração de inúmeros atos nobres para o bem comum e foi muitas vezes tema em artes, sobretudo literatura, música e cinema.

Segundo a doutrina da igreja católica, a consciência moral é um juízo da razão que ordena o homem a praticar o bem e evitar o mal. A consciência, presente no íntimo de qualquer pessoa e indissociável à dignidade humana, permite a qualquer pessoa avaliar a qualidade moral dos atos realizados ou ainda por realizar, permitindo-lhes assim assumir a responsabilidade porque possuem liberdade para escolher entre o bem e o mal. A igreja católica defende que quem escutar corretamente a sua consciência moral "pode ouvir a voz de deus que lhe fala".

O Papa Bento XVI, utilizando o pensamento teológico do cardeal Newman, defende que a consciência "*é a expressão da acessibilidade e da força vinculadora da verdade*" e a capacidade da pessoa humana de "*reconhecer, precisamente nos âmbitos decisivos da sua existência - religião e moral -, uma verdade, a verdade. E, com isto, a consciência, a capacidade do homem de reconhecer a verdade, impõe-lhe, ao mesmo tempo, o dever de se encaminhar para a verdade, procurá-la e submeter-se a ela onde quer que a encontre. Consciência é capacidade de verdade e obediência à verdade, que se mostra ao homem que procura de coração aberto a verdade, que foi revelada por deus aos homens*". Logo, a concepção católica de consciência entra em oposição com o conceito moderno de consciência: para o pensamento moderno relativista e subjetivista, a consciência "*significa que, em matéria de moral e de religião, a dimensão subjetiva, o indivíduo [com as suas intuições e experiências], constitui a última instância de decisão*", porque a religião e a moral não conseguem ser quantificadas, calculadas e verificadas por métodos científicos e experimentais objetivos.

Por a consciência estar vinculada à verdade e ao bem, as pessoas devem agir com retidão e em conformidade com a consciência, ou seja, deve *"estar de acordo com o que é justo e bom, segundo a razão e a lei divina"*. Como a pessoa humana possui dignidade, ela não deve por isso ser impedido ou obrigado a agir contra a sua consciência, *"sobretudo em matéria religiosa"*. Por isso, ela deve *"obedecer sempre ao juízo certo da sua consciência, mas esta também pode emitir juízos errôneos, por causas nem sempre isentas de culpabilidade pessoal"*. Mas, uma pessoa que fez um ato mal por *"ignorância involuntária, mesmo que objetivamente não deixe de ser um mal"*, é inimputável.

Para evitar que a consciência emita juízos errôneos, é preciso retificá-la e tomá-la perfeita, para que ela esteja em sintonia com a vontade divina, através da educação, *"da assimilação da palavra de deus e do ensino da igreja. Além disso, ajudam muito na oração e o exame de consciência"*, bem como os dons do espírito santo e *"os conselhos de pessoas sábias"*. Para além disso, é necessário também que a consciência siga três normas mais gerais e importantes acerca da conduta moral humana: *"nunca é permitido fazer o mal porque daí derive um bem; a chamada regra de ouro: «tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho vós também» (mt 7, 12); a caridade passa sempre pelo respeito do próximo e da sua consciência, embora isto não signifique aceitar como um bem aquilo que é objetivamente um mal."*

Consciência é o termo que significa conhecimento, percepção, honestidade. Também pode revelar a noção dos estímulos à volta de um indivíduo que confirmam a sua existência. Por esse motivo se costuma dizer que quem está desmaiado ou em coma está inconsciente.

A consciência também está relacionada com o sentido de moralidade e de dever, pois é a noção das próprias ações ou sentimentos íntimos no momento em que essas ações são executadas. A consciência pode ser relativa a uma experiência, problemas, experiências ou situações. Por exemplo: ele estava completamente viciado, mas não tinha consciência disso.

O conceito de consciência está intimamente relacionado com termos como "eu", "existência", "pessoa", revelando uma conexão existente entre consciência e a consciência moral. Em várias situações, pode ser o oposto da autoconsciência, onde o "Eu" é o objeto de reflexão e da consciência moral.

É possível verificar que ao longo do tempo a filosofia abordou a consciência em duas vertentes: consciência intencional ou não intencional. De acordo com Edmund Husserl (fundador da fenomenologia), a consciência é uma atividade direcionada para alguma coisa da qual há consciência. A não intencional consiste a um mero reflexo da realidade que é apresentada.

Segundo Descartes, pensar e pensar que pensamos são coisas iguais, “Penso, Logo Existo”.

Kant fez a distinção entre a consciência empírica, que faz parte do universo dos fenômenos e a consciência transcendental, que capacita a associação de todo o conhecimento com a consciência empírica.

Hegel aborda a consciência como um crescimento dialético, que atinge um nível transcendente, alcançando a sua superação. Faz também a distinção entre consciência empírica, racional e teórica.

É também importante referir que a filosofia contemporânea dá muita importância à vertente de ato da consciência, dando-lhe uma conotação mais funcional.

Dia da consciência negra.

O dia da consciência negra é uma data comemorada no Brasil no dia 20 de novembro. Esta foi a data escolhida em honra a Zumbi Dos Palmares, sendo a data na qual morreu este personagem histórico que lutou contra a escravatura no período colonial no Brasil.

O dia foi instituído em 2011 pela presidente Dilma Rousseff e tem como objetivo a consciência a respeito da introdução dos negros na sociedade brasileira.

Consciência moral.

É a certeza interior instantânea que algumas atitudes são certas ou erradas. A consciência moral também pode resultar no sentimento de culpa ou em alegria, dependendo do valor moral das ações em questão. O sentimento de culpa quando alguém faz alguma coisa errada é popularmente descrito como consciência pesada.

Algumas pessoas confundem consciência moral com consciência social. Apesar disso, o que distingue as duas é que a consciência moral possui uma relação de proximidade com o que é transcendente, porque não é baseada só em dados empíricos.

A consciência é a percepção imediata do sujeito daquilo que se passa, dentro ou fora dele.

É talvez uma das maiores fontes de problemas de toda a filosofia, por ser ao mesmo tempo o facto mais básico e também o que traz mais dúvidas quanto ao que na realidade é.

A consciência pode definir-se como o conhecimento que o homem possui dos seus próprios pensamentos, sentimentos e atos. Podem-se distinguir dois tipos de consciência, a consciência imediata e a refletida. a consciência imediata ou espontânea caracteriza-se por ser a que remete para a existência do homem perante si mesmo, no momento em que pensa ou age. A consciência refletida ou secundária é a capacidade do homem recuar perante os seus pensamentos, julgá-los e analisá-los.

A consciência possibilita ao homem pensar o mundo que o rodeia e é nela que estão enraizados o sentimento de existência e o pensamento de morte, por exemplo. A consciência é a essência do ser humano e fonte de conhecimento e de verdade.

De acordo com descartes, e o seu princípio "*Penso, Logo Existo*", a consciência surge como fundamento e modelo de todo o conhecimento. Através dela sabe-se que se existe e que se é, ou seja, uma coisa pensante, uma alma separada do corpo.

Para Espinosa, a consciência é a fonte de ilusões. Somos conscientes dos nossos desejos e representações, facto que toma a consciência um conhecimento incompleto, que mantém o homem ignorante das causas que produzem conhecimento verdadeiro e total. Assim, a consciência não é de modo algum lugar de conhecimento verdadeiro, mas sim causadora de ilusões, especialmente da ilusão da liberdade.

Existe ainda a consciência moral que é a consciência que os seres humanos possuem e que os permite distinguir o que uma ação tem de moralmente prescrita ou proibida.

Segundo Nietzsche, a consciência moral, a voz da consciência, é na realidade a expressão de sentimentos que não têm nada de moral.

Isto é o que se sabe, filosoficamente falando, hoje, sobre a consciência.

Mas considero incompleto, muito incompleto.

Pergunta: "O que é a consciência?"

Resposta: a consciência é definida como a parte da psique humana que induz a angústia mental e sentimentos de culpa ao ser violada e sentimentos de prazer e bem-estar quando nossas ações, pensamentos e palavras estão em conformidade com os nossos sistemas de valores. A palavra grega traduzida como "*consciência*" em todas as referências do novo testamento é Suneidēsis, que significa "consciência moral". A consciência reage quando as ações, pensamentos e palavras se conformam ou são contrárias a um padrão de certo e errado.

Não há um termo hebraico no antigo testamento que seja equivalente a Suneidēsis no novo testamento. A falta de uma palavra hebraica para "consciência" pode ser devido à cosmovisão judaica, que era comunal em vez de individual. O hebreu se considerava um membro de uma comunidade/aliança que se relacionava a deus e suas leis corporativamente, e não como um indivíduo. Em outras palavras, o hebreu estava confiante em sua própria posição diante de deus se a nação hebraica como um todo estivesse em boa comunhão com ele.

No novo testamento, o conceito de consciência é mais de natureza individual e envolve três grandes verdades. Primeiro, a consciência é uma capacidade dada por deus aos seres humanos para o exercício da auto-avaliação. Paulo refere-se várias vezes à sua própria consciência como sendo "boa" ou "sem ofensa" (atos 23:1; 24:16, 1 coríntios 4:4). Paulo examinou as suas próprias palavras e ações e achou que estavam de acordo com seus costumes e sistema de valores, que eram, é claro, com base nos padrões de deus. Sua consciência confirmou a integridade do seu coração.

Em segundo lugar, o novo testamento retrata a consciência como uma testemunha de algo. Paulo diz que os gentios têm consciência que atestam a presença da lei de deus escrita em seus corações, embora não tivessem a lei de Moisés (romanos 2:14-15). Ele também apela para a sua própria consciência como testemunha de que fala a verdade (romanos 9:1) e de que se comportou em santidade e sinceridade quando se relacionando com outras pessoas (2 coríntios 1:12). Paulo diz que sua consciência confirma que ele tem que prestar contas por suas ações tanto a Deus quanto a outras pessoas (2 coríntios 5:11).

Em terceiro lugar, a consciência é uma serva do sistema de valores do indivíduo em questão. Um sistema de valores imaturo ou fraco produz uma fraca consciência, enquanto um sistema de valores totalmente informado produz um forte senso de certo e errado. Na vida cristã, a consciência pode ser conduzida por uma inadequada compreensão das verdades bíblicas e pode produzir sentimentos de culpa e vergonha desproporcionais para as questões em mão. O amadurecimento na fé fortalece a consciência.

Esta última função da consciência é o que Paulo aborda em suas instruções sobre a ingestão de alimentos sacrificados a ídolos. Ele argumenta que, uma vez que os ídolos não são deuses reais, não faz diferença se o alimento foi sacrificado a eles ou não. No entanto, alguns na igreja de corinto eram fracos em sua compreensão e acreditavam que tais deuses realmente existiam. Esses crentes imaturos ficaram horrorizados com a ideia de comerem alimentos sacrificados aos deuses porque suas consciências eram influenciadas por preconceitos errôneos e visões supersticiosas. Portanto, Paulo incentiva os mais maduros em seu entendimento a não exercerem a sua liberdade de comer se isso fizesse com que as consciências dos seus irmãos mais fracos condenassem as suas ações. A lição aqui é que, se as nossas consciências são claras por causa da fé madura e compreensão, não devemos fazer com que aqueles com consciências mais fracas tropecem ao exercermos a liberdade que segue uma forte consciência.

Uma outra referência à consciência no novo testamento é uma consciência que é "cauterizada" ou tornada insensível, como se tivesse sido cauterizada com ferro quente (1 Timóteo 4:1-2). Tal consciência é endurecida e calejada, não mais sentindo nada. Uma pessoa com a consciência cauterizada não mais escuta os seus sussurros e pode pecar com abandono, iludir-se e pensar que está tudo bem com sua alma, e tratar os outros de forma insensível e sem compaixão.

Como cristãos, devemos manter a nossa consciência limpa ao obedecer a deus e manter o nosso relacionamento com ele em boa posição. Fazemos isso através da aplicação de sua palavra, renovando e suavizando os nossos corações continuamente. Consideramos aqueles cujas consciências são fracas, tratando-os com amor cristão e compaixão.

Isto é o ponto de vista católico da consciência, aprecio bastante, acho que se aproxima mais do que se pode considerar o conceito de consciência, mas e então e a alma? Existe uma correlação entre a consciência e a alma? Será que a alma tem uma consciência, ou problemas de consciência, ou a consciência só se aplica aos seres vivos materiais?

- Acredito que não só o homem tem uma consciência, mas também outros seres, animais, vírus até, se um vírus não tivesse uma consciência, ainda que desprovido de pensamento ou mesmo de inteligência, então esse vírus não sobreviveria a sua própria reprodução e propósito.
- Pelo que, até hiler tinha uma consciência, e provavelmente não tinha problemas de consciência, não por ser um monstro nazi, mas por ser um vírus em forma humana, que acreditava

nas suas profundidades estar a purificar a terra dos demandes, dos imperfeitos, do ponto de vista dele, o vício eram os outros, os negros, os judeus e cristãos, as raças impuras.

- Então, seguindo esta linha de pensamento, a consciência não é deus, embora pudesse considerar a minha própria consciência algo de divino, provavelmente todos pensam da mesma maneira, considerando que a consciência é a razão primária de todos os efeitos.

- O que é a consciência humana?

- Como o seu cérebro produz o filme que faz com que você seja você mesmo?

- Por Rodrigo Cavalcante

- Descartando o argumento religioso – segundo o qual a consciência está em sua alma (ou espírito) e independe do seu corpo físico – é preciso procurá-la em seu cérebro, órgão que pesa 1,3 quilo e tem a consistência de um ovo mole.

- A primeira vez que ficou claro na medicina que até a personalidade de uma pessoa pode mudar por meio de uma mudança física no cérebro foi em 1848, no estado de Vermont, EUA, quando um operário de 25 anos que trabalhava na construção de ferrovias, chamado Phineas Gage, sofreu um acidente bizarro. Após uma explosão malsucedida de rochas que estavam no traçado do trilho, uma barra de ferro em forma de lança atravessou como um projétil a base do crânio de Gage e saiu pelo topo de sua cabeça. Após cair no chão e sofrer uma série de convulsões, ele voltou a falar normalmente e, ao menos aparentemente, recobrou a consciência. O problema é que, após essa perfuração no cérebro, ele jamais foi o mesmo. De um homem trabalhador e amigável, Gage havia se transformado, segundo os relatos da época, em um típico cafajeste. Ele havia perdido qualquer censura, tornara-se arrogante e capaz de qualquer coisa para levar vantagem em tudo. Mas será que um dano físico no cérebro pode mudar a consciência de uma pessoa?

- **O papel das emoções**

- Hoje, os neurologistas sabem que a área afetada no cérebro de Gage foi o córtex pré-frontal. Parte do cérebro que fica logo abaixo da testa, tem um papel importante em nossa capacidade de sentir emoções. Ao perder essa capacidade, as pessoas tornam-se mais indiferentes, já que não conseguem mais sentir as emoções responsáveis por aquele aperto no peito de culpa ou remorso, por exemplo. “São esses sentimentos que nos obrigam a repensar atitudes, mudar, evoluir”, diz Dylan Evans, neurologista da Universidade de Oxford, na Inglaterra, e autor de *Emotions – the science of sentiments* (“emoções – a ciência dos sentimentos”, ainda inédito no Brasil).

- Do acidente de phineas gage para cá, os neurologistas e biólogos sabem que esse filme que só você assiste - e que reúne a história da sua vida, preferências, emoções, enfim, a sua identidade - tem origem em uma série de atividades integradas no seu cérebro. De acordo com eles, a capacidade de representar o mundo na mente não passa de um traço evolutivo, assim como a nossa habilidade para a locomoção. Na prática, o que os cientistas querem dizer com isso é que, de certa forma, outras espécies também têm consciência. A diferença estaria no grau dela. Enquanto uma anêmona do mar, por exemplo, se expande ou se contrai diante da presença da luz solar, o homem tem uma série de instrumentos para representar o ambiente de uma forma bem mais sofisticada. Diante de um risco de assalto iminente, por exemplo, sentimos medo, tentamos antecipar visualmente o que pode acontecer, calculamos a chance de escapar, nos lembramos das pessoas que amamos, enfim, nosso cérebro realiza simultaneamente uma série de atividades. E, após essa experiência, esses acontecimentos - assim como os sentimentos envolvidos nele - são registrados para que você se sinta ruim novamente diante de outra ameaça - e tenha mais chances de sobreviver.

- Mas em que momento essas atividades formam aquilo que você chama de sua consciência? Para susan greenfield, pesquisadora da universidade de oxford, a consciência não é um lampejo, mas um contínuo de conexões dos seus neurônios, que vão ocorrendo do momento em que você nasce até o fim da sua vida. A cada nova experiência, seu cérebro faz uma representação mental que é armazenada em sua memória. Ao comer uma comida diferente, por exemplo, surgiria uma mudança nas conexões do seu cérebro. “quanto mais o mundo passa a ter significado para você, mais conexões são feitas em seu cérebro”, diz greenfield.

- Hoje, ações do nosso cérebro podem ser monitoradas por meio da técnica de tomografia por emissão de pósitrons, que mede a quantidade de energia que cada área consome em cada uma dessas atividades. O resultado dessas pesquisas tem revelado que as diversas atividades responsáveis pela nossa consciência requerem o casamento de várias regiões. Ou seja: o que faz de você você é a soma de todas as representações que você faz dos outros e do seu ambiente, que podem se expandir a cada dia, desde que você mantenha sua consciência aberta.

- **daniel de oliveira leal** considera a consciencia de seguinte forma- a consciência é o que faz nós seres vivos assistir a existência, mesmo se nos fosse eliminado todos os sentidos que nos faz perceber a realidade, ainda seríamos capaz de experimentar a mente e explorar esse vasto território do cérebro, porém o que a consciência experimenta são memórias(de sentir,ver e ouvir), mesmo o que vemos em tempo real (cientificamente não existe simultâneo), cientificamente o fóton viaja entre a distância da fonte até os olhos em um tempo curto imperceptível(mas em longas distância

como no espaço podemos questionar que o que vemos tem 100anos luz), e entre os sensores nos olhos a informação como impulso eléctrico até chegar no aglomerado sistema e circuitos de neurônios que serve de microcontroladores, microprocessadores e placa mãe que possui uma linguagem de programação a pnl, e baseado nela voltamos uma resposta,

- A consciência é o processar, e a experimentamos quando pensamos, quando processamos informação e julgamos as memórias, fisicamente é o programa gravado na rede neural a inteligência que nos possibilita gerenciar nosso corpo e assumir o controle, mas assim como em uma empresa alguns neurônio dá a idéia do que podemos fazer(essa ideia surge no id e é subconsciente) depois essa ideia é filtrada pelo superego(formado pelos programas e regras que gravamos) se a informação passar ela se torna comando físico ou psicológico(assim influenciâmos no universo físico e no destino geral de nossa existência dentre as possibilidades e multiverso/que são baseados em meras possibilidades considerando a existência do passado ou futuro fisicamente), mas no final a consciência é o funcionar de todo no ser vivo, desde lumbrigas até muriçocas,

- As bactérias não devem possuir muito a consciência e se possuem depende se fazem movimentos aleatoriamente, programado ou com algum tipo de alternativa, gosto de imaginar a consciência como a tela ou interface do computador, e tirando a visão seria a linha de comando.

- Isto foi a resposta do cidadão comum, não a minha, nada é aleatório ou desprovido de uma inteligência parcial, é fácil atribuir respostas com palavras como - instinto - ou - aleatório ou acaso, o que vai completamente contra qualquer lógica racional e divina, como é fácil matar deus e chama-lhe um dogma, difícil é demonstrar a realidade dos factos, a maravilhosa existência da célula, do homem, da vida, do movimento da terra e do próprio sol, atribuindo tudo ao acaso.

- Se não sei o que é, é por acaso!))))))))

Então eu, Bruno Sousa, determino que a consciência é a matéria límbica que determina todas as coisas vivas, inclusive as plantas, mesmo os seres sem cérebro algum neurologistas provaram, cientificamente, serem capazes de possuir algum tipo de inteligência, tudo fazem para sobreviver, inclusive matar. Não acredito que isso seja inteligência, mas consciência, não me parece que uma erva daninha use o seu supercérebro para descobrir onde está o sol, e onde ir buscar água e oxigênio, para isso teria mesmo que pensar, e ter uma alma, tal como uma pessoa.

Mas acredito que todos esses seres sejam providos de uma consciência que lhes atribui identidade e vontade de viver, essa consciência não necessita de cérebro, nem de inteligência, simplesmente flui e

partilha desse mesmo fluido a que vou chamar de consciência universal, uma força que, tal como a gravidade, não se vê, mas está lá.

Está aprovado que, mesmo as plantas, se forem acariciadas e amadas, crescem mais saudáveis e felizes, pois sua consciência recebe de forma anímica a força positiva do amor.

Com origem no vocábulo latim conscientia (“com conhecimento”), a consciência é o acto psíquico mediante o qual uma pessoa enxerga a sua presença no mundo. Por outro lado, a consciência é uma propriedade do espírito humano que permite reconhecer-se nos atributos essenciais.

Torna-se difícil especificar o que é a consciência pelo facto de não ter qualquer elemento correlativo físico. Trata-se do conhecimento reflexivo das coisas e da actividade mental que só é acessível ao próprio sujeito. Por isso, de fora, não se podem conhecer os detalhes do consciente.

A etimologia da palavra indica que a consciência inclui aquilo que o sujeito conhece. Já, as coisas inconscientes são aquelas que surgem noutra nível psíquico e que são involuntárias ou incontroláveis para o indivíduo.

Para a psicologia, a consciência é um estado cognitivo não-abstracto que permite que a pessoa interaja e interprete os estímulos externos que constituem aquela que conhecemos como sendo a realidade. Uma pessoa que não tenha consciência tende a desligar-se da realidade e a não ter noção daquilo que acontece em sua volta.

A psicologia faz a distinção entre o nível consciente (estabelece as prioridades), o pré-consciente (depende do objectivo a cumprir) e o inconsciente (não se racionaliza). A estrutura da consciência prende-se com a relação que estabelecem estes três níveis.

A filosofia considera que a consciência é a faculdade humana para decidir acções e se responsabilizar pelas consequências de acordo com a concepção do bem e do mal. Deste modo, a consciência seria um conceito moral pertencente ao âmbito da ética.

Brazilescola - o termo “consciência” tem, em português, pelo menos dois sentidos, descoberta ou reconhecimento de algo, quer de algo exterior, como um objeto, uma realidade, uma situação etc., quer de algo interior, como as modificações sofridas pelo próprio eu, conhecimento do bem e do mal.

O primeiro sentido de consciência pode desdobrar-se noutros sentidos: o psicológico, o epistemológico e o metafísico. Em sentido psicológico, a consciência é a percepção do eu por si mesmo, este é o conceito mais

conhecido. Em sentido epistemológico, a consciência é primeiramente o sujeito do conhecimento. Em termos metafísicos, chamamos muitas vezes à consciência o eu.

A consciência é uma qualidade da mente, considerando abranger qualificações tais como subjetividade, autoconsciência e a capacidade de perceber a relação entre si e o outro.

Alguns filósofos dividem consciência em:

1. Consciência fenomenal, que é a experiência propriamente dita, é o estado de estar ciente, assim como dizemos "estou ciente" e consciente de algo, tal como quando dizemos "estou ciente destas palavras", e
2. Consciência de acesso, que é o processamento das coisas que vivenciamos durante a experiência.

Consciência é uma qualidade psíquica, isto é, que pertence à esfera da psique humana, por isso diz-se também que ela é um atributo do espírito, da mente ou do pensamento humano. Ser consciente não é exatamente a mesma coisa que perceber-se no mundo, mas ser no mundo e do mundo, para isso, a intuição, a dedução e a indução tomam parte.

Porque os humanos têm consciencia?

Juntamente com a linguagem, talvez a consciência de si mesmo, dos próprios atos e dos outros seja uma das últimas barreiras que separam de alguma maneira os seres humanos do resto dos animais. Quando questionado sobre a origem da consciência humana, o biólogo alemão ernst mayr, considerado o darwin do século 20, respondeu com simplicidade: ela veio da consciência dos animais. Segundo ele, não há justificativa para considerá-la propriedade exclusiva da espécie humana. Trata-se de uma característica moldada pela evolução. E é o que fica comprovado com formas rudimentares de noção do próprio corpo, observadas entre grandes primatas e outros mamíferos (veja quadro nesta página). Há décadas a ciência busca explicar o que nos faz diferentes dos nossos parentes mais próximos, os chimpanzés. Afinal, eles têm memória, são capazes de rir, já foram flagrados criando alianças para derrubar um macho líder e até mesmo em situações em que parecem se colocar no lugar do outro, coisa que se imaginava ser exclusivamente humana.

Cabeção.

Em algum grau, essas características são indício de uma forma rudimentar de consciência, acreditam os estudiosos de comportamento animal. Os bichos têm noção das coisas a que têm acesso e se dão conta de eventos no ambiente. Mas como inferir se têm autoconsciência? A teoria mais aceita é que essa propriedade é fruto da evolução do sistema nervoso e só teria sido obtida com o aumento do cérebro - e o

surgimento da linguagem. Foi no homo sapiens que o córtex, camada superior do cérebro, atingiu seu desenvolvimento máximo. E é justamente essa área a responsável por atividades mentais consideradas “nobres”, como consciência, linguagem e raciocínio. O nosso córtex, contudo, é só a versão mais exagerada de uma tendência que já pode ser detectada entre outras criaturas do grupo dos mamíferos.

A resposta mais direta para a pergunta acima então é: porque os humanos têm um cérebro grande e complexo. Mas por que ele se desenvolveu assim? Levando especificamente a consciência em consideração, a resposta pode ser a nossa vida social extremamente complexa, cheia de alianças, viradas de mesa e traições. A necessidade de estar um passo à frente dos outros, de antecipar as jogadas de companheiros e adversários, teria aumentado significativamente nosso processamento cerebral. E, para entender a cabeça dos outros, nada melhor do que usar a nossa compreensão de nós mesmos como um “modelo” deles. Nasceria, assim, a autoconsciência.

Espelho, espelho meu.

E o que dizer de elefantes, golfinhos e chimpanzés que reconhecem a própria imagem em um espelho? Estudos sobre isso são os mais clássicos na investigação da consciência entre animais. Em geral, os bichos são colocados diante de um espelho para ver qual é a reação deles. Depois são marcados com tinta, enquanto estão inconscientes, e colocados na frente do objeto. Se eles entendem que são eles os refletidos na imagem, e não um outro indivíduo, há uma tendência a tocarem a mancha. Nessas espécies, os pesquisadores observaram que rola, de fato, um indício de consciência. Os últimos animais a passarem no teste foram 3 fêmeas de elefante de um zoológico de nova york. Uma delas, vaidosa, ficou puxando a orelha com a tromba só para olhar melhor a parte de trás dela

Parte 2 - a procura da consciencia

Sócrates e a consciencia - o método.

Sócrates adoptava sempre pelo diálogo, costumava iniciar uma conversação fazendo perguntas e obtendo dessa forma opiniões do interlocutor, que ele aparentemente aceitava. Depois, por meio de um interrogatório hábil, desenvolvia as opiniões originais da pessoa arguida, mostrando a tolice e os absurdos das opiniões superficiais e levando e presumido possuidor da sabedoria a se desconcertar em face das consequências contraditórias ou absurdas das suas opiniões originais e a confessar o seu erro ou a sua incapacidade para alcançar uma conclusão satisfatória. Esta primeira parte do método de sócrates, destinada a levar o indivíduo à convicção do erro, é a **ironia**. Depois, continuando a sua argumentação e partindo da opinião primitiva do interlocutor - desenvolvia a verdade completa. Sócrates deu a esta última

parte a designação de **maiêutica** - a arte de fazer nascer as ideias. É este o método que encontramos amplamente desenvolvido nos diálogos socráticos de platão.

Sócrates não viveu senão pelo diálogo, senão em e pelo contacto com o discípulo, sentia que qualquer obra escrita era incapaz de nos trazer aquilo que nos dá a palavra e o diálogo, em que dois seres vivos comunicam no seio dessa verdade que as suas presenças implicam. Pois é verdadeiramente na presença que o homem se encontra e pode aprender a conhecer-se, na presença, ou mais precisamente nesta compresença que o mestre e o discípulo descobrem aprofundando a mensagem que, através da sua linguagem e pelo seu diálogo, se apresenta pouco a pouco como uma reminiscência de uma verdade original no interior do qual eles se encontram os dois.

assim a personagem de sócrates precisa-se aos nossos olhos não «tal como ele foi» mas tal como ele é, não como alguém a reencontrar através dos documentos múltiplos e sempre demasiadamente ou não suficientemente eloquentes, mas como uma pessoa a descobrir em nós próprios. E é esta «existência» de sócrates que deve permitir compreender o sentido da mensagem que sócrates traz em si mesmo e em nós próprios, o sentido da relação entre o mestre e o discípulo.

dialogar com sócrates era submeter-se a uma **“lavagem da alma”** e a uma prestação de contas da sua própria vida, existem alguns testemunhos que reforçam a ideia que quem que esteja próximo a sócrates e, em contacto com ele, põe-se a raciocinar, qualquer que seja o assunto tratado, é arrastado pelas espirais do diálogo e inevitavelmente é forçado a seguir adiante, até que, surpreendentemente, ver-se a prestar contas de si mesmo e do modo como vive, pensa e viveu.

Sócrates encontrava-se frequentemente face a teníveis profissionais do saber e da eloquência que nunca se sentiam apanhados desprevenidos, eram mestres que tinham resposta para tudo e que ignoraram a hesitação do escrúpulo e da interrogação da reflexão. Sócrates, ao contrário, era o homem das interrogações, aquele que nunca se deixava enclausurar em nenhum sistema, aquele que se recusava a ter ponto certo o que não era, ou a estiar como problemática aquilo que era perfeitamente certo.

os interlocutores de sócrates, como hípias que sabia fazer tudo, como protágoras que se dava ares de um professor de virtude, cálices ou trasímaco que pensavam puder fundar uma moral e uma política sobre o «direito» do mais forte, não eram irónicos, eram pelo contrário personagens sérias, isto é, personagens que levavam a sério esses assuntos. Mas a sua seriedade era uma falsa seriedade. Era a essa seriedade é que se opunha à ironia socrática. Assim, era a seriedade dos interlocutores de sócrates que nos devia fazer sorrir, ao passo que a ironia do filósofo devia ser, ela, levada a sério, pela simples razão de que ela era a verdadeira consciência.

O Universalismo Socrático não era a negação do valor dos indivíduos, era o reconhecimento de que o valor do indivíduo só pode ser compreendido e realizado nas relações entre os indivíduos. Mas a relação entre os indivíduos, se é tal que garanta a cada um a liberdade da pesquisa de si próprios, é uma relação fundada na virtude e na justiça. E é aqui, portanto, o interesse de Sócrates, na medida em que se entende promover em cada homem a investigação de próprio, se volta naturalmente para o problema da virtude e da justiça.

A maiêutica mais não era, na realidade, que a arte da pesquisa em comum. O homem não podia ver claro por si só. A investigação de que se ocupa não pode começar e acabar no recinto fechado da sua individualidade, pelo contrário, só pode ser fruto de um dialogar contínuo com os outros, como consigo mesmo. O método socrático tinha como característica levar cada indivíduo a reflectir acerca dos seus deveres. Sócrates começava por chamar a atenção de cada um para os seus interesses pessoais, interesses domésticos ou pessoais, educação dos filhos, problemas da vida da cidade, questões relativas ao saber. Levava em seguida os seus interlocutores quaisquer que eles fossem, a extrair do caso particular o pensamento universal. Começando por suscitar a desconfiança em relação aos preconceitos que cada um aceitou sem exame prévio, conseguia convencer o seu interlocutor a procurar em si próprio o que era. Conduzia-lo assim, por um lado, a extrair o universal do caso concreto e a expor plenamente à luz aquilo que se esconde em qualquer consciência; e, por outro lado, obriga-o a destruir as generalidades aceites de imediato pela consciência.

não tendo conseguido formular uma filosofia de maneira sistemática, o processo principal de sócrates consistia em interrogar, em ajudar cada um a tomar consciência dos seus próprios pensamentos, ou melhor, em despertar dentro de cada indivíduo a consciência do universal, a qual existe no foro íntimo de todos como essência imediata. tal como escreveu hegel, sócrates opõe à interioridade accidental e particular a universal e verdadeira interioridade do pensamento. a introspecção é o característico da filosofia de sócrates, e exprime-se na famosa frase, **conhece-te a ti próprio**. isto é torna-te consciente da tua ignorância.

Concluimos que os ensinamentos de sócrates tinham dois propósitos. O primeiro era de demonstrar que o conhecimento era a base de toda a acção virtuosa; o segundo, indicar o conhecimento devia ser desenvolvido pelo próprio indivíduo, de sua própria existência, por meio do método dialéctico. O conhecimento, sustentava ele, era o requisito prévio da livre acção em todas as artes. Isto é sobretudo verdadeiro no caso da mais elevada das artes, a arte de bem viver. Esse conhecimento, sustentava sócrates não podia ser adquirido pela simples aceitação de opiniões individuais, mas somente pela procura daquilo que é comum a todos e que constitui a verdade universalmente válida. Mas o indivíduo era incapaz, sem instrução, de descobrir em sua experiência essa verdade de validez universal. Tal verdade só podia ser adquirida mediante o processo da dialéctica. Em consequência, o alvo do trabalho de sócrates, assim como

o seu ponto de vista sobre o objectivo geral da educação, era o de desenvolver em cada indivíduo o poder de formular verdades universais.

Assim se conclui que, para Sócrates, consciência e pensamento estão interligados, e na dúvida se encontra a resposta, mas isto aplica-se a consciência humana, inteligente, quando o que procuro definir, por si só, é se existe uma consciência extensa, imparcial, fluida, aplicável a todas as coisas.

Já tinha determinado que, até as próprias plantas tinham algum tipo de consciência, e afirmado também que até uma célula tem uma consciência, ainda que simples, independente. Pelo que deduzo que se uma célula tem consciência, ainda que sem inteligência, 2 milhões de células iguais, têm, igualmente, essa mesma consciência. Sendo que acredito que a consciência assim se aplica a todos os elementos vivos, tal como uma floresta tem uma consciência própria, fluida, partilhada entre todas as árvores.

Provado está que, se um lenhador se aproximar de uma floresta, com intenção de cortar uma árvore, todas as árvores tremem. Se o mesmo lenhador se aproximar, sem intenção de cortar nada, nenhuma folha se move.

Isto é um facto, muito interessante, digo.

Comparativamente, se um fundamentalista entrar num shopping com uma bomba, querendo explodir com tudo, ou apenas com uma pistola na mão, todas as pessoas entram no mesmo estado eufórico de consciência assustada, sendo que essa também é um tipo de consciência multifocal, este é um exemplo razoável.

Então, independentemente do indivíduo, ou da célula, ou da nação, tudo tem a sua própria consciência sendo que se move na mesma direção. Se um exército se move, com 10 mil homens, para determinado lado, assim segue a sua consciência nessa minha direção e objectivo.

Se, no entanto, um dos soldados resolver desertar, mudando a ordem das coisas, a consciência maior revolta-se e os outros matam-no.

Compararei a consciência ao açúcar, a título analógico, apenas. Um grão de açúcar é doce, uma colher de açúcar igualmente doce, um saco de açúcar não é mais doce, ainda que em maior quantidade tenha um maior efeito.

Se o açúcar fosse um ser vivo, assim se aplicariam os seus níveis de consciência, com base na sua direção ou efeito.

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

